

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Lívia Barbosa Pires

**VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: A VIOLÊNCIA NO PARTO MEDIANTE AS RAÇAS E CLASSES
SOCIAIS E O DIREITO AO PARTO HUMANIZADO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Marcella Beraldo de Oliveira.

Juiz de Fora

2019

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **Livia Barbosa Pires**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201673197A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Violência Obstétrica: a Violência no Parto Mediante as Raças e Classes Sociais e o Direito ao Parto Humanizado**, desenvolvido durante o período de fevereiro de 2019 a julho de 2019 sob a orientação de Marcella Beraldo de Oliveira, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Livia Barbosa Pires

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: A VIOLÊNCIA NO PARTO MEDIANTE AS RAÇAS E CLASSES SOCIAIS E O DIREITO AO PARTO HUMANIZADO

Livia Barbosa Pires¹

RESUMO

O trabalho traz a idéia e a concepção do que é o parto humanizado e as violências obstétricas ocorridas no pré e pós parto, a partir disso apresenta um relato de experiências diante desse momento, através de relatos mediante a depoimentos de mulheres que passaram de alguma forma por isso. Além de procurar identificar os principais motivos para que isso ocorra, o trabalho levanta a questão das classes sociais mais baixas e das raças menos favorecidas serem mais propensas a passar por essas situações em particular.

PALAVRAS-CHAVE: Parto humanizado, Violência Obstétrica, Classes, Raças.

1 .INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como principal objetivo tratar sobre as violências, agressões e violações ocorridas durante o parto, algo que acontece recorrentemente e muitas pessoas, principalmente as mulheres, que são as principais participantes desse momento , não tem consciência, seja sobre o assunto em si ou de seus direitos constitucionais nesse momento tão especial em suas vidas.

Com isso esse trabalho tem o intuito de explorar e trazer a temática da violência no parto e o direito ao parto humanizado de forma clara e objetiva com intuito de informa e conscientizar a respeito do assunto, para que todos e principalmente os envolvidos nesse momento tão importante e “bonito”, seja a mãe , o pai , ou a pessoas que acompanham a gestante nesse momento.

Será abordado no decorrer deste, através de entrevistas com gestantes , mães e profissionais da área , o tema em si e as leis envolvidas em torno do parto humanizado ,violência no parto e suas praticas , assim como até onde vai o direito da gestante , do seu bebê e das pessoas envolvidas nesse processo e também abordar a violência sofrida em muitos casos durante o período da gestação, do parto e pós parto.

2.1 A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

Violência obstétrica segundo a OMS passa pelo “abuso de medicação “abuso de medicalização e patologização dos processos naturais do trabalho de parto, que causem a perda de autonomia e da capacidade das mulheres de decidir livremente sobre seus corpos e sua sexualidade”. Seguindo todo o estudo feito por eles o Brasil lidera o rank de cesarianas feitas em todo o mundo e também ganha em disparada na recorrência de episiotomia (corte entre a vagina e o anus).

Tendo em vista todos os relatos e experiências identificadas pela OMS , foi feito a partir disso algo com intuito de amenizar ou ate mesmo acabar com praticas agressivas e abusivas durante o trabalho de parto e o pós parto, sendo assim em 2018 foi publicado novas diretrizes em respeito aos padrões de atendimento as gestantes.

Como é de tamanha importância esse debate temos vários relatos de como as agressões ocorrem , sendo através de "remédios" utilizados sem o consentimento da gestante , seja para aliviar a

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Email: liviapires45@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel.Orientadora: Prof. Dra. Marcella Beraldo de Oliveira.

dor ou induzido o parto mais rapidamente, corte entre a vagina e o anus para facilitar a passagem do bebê, frases com " seu marido nem vai notar que passou um bebê por aqui" (o famoso pontinho do marido'), " num foi bom pra fazer", " num virou o olhinho", "agora faz força pra colocar pra fora", praticas essa que tiram a mulher do seu direito de tomada de decisão e a coloca sob uma humilhação desnecessária.

Na etnografia de Emily Martin, A Mulher no Corpo : uma análise cultural da reprodução, alguns temas foram focos de suas entrevistas como sexualidade, menstruação , gestação , parto e amamentação . Martin divide seu trabalho em partes onde o intuito é saber sobre a cultura em torno do corpo da mulher , onde o corpo, na maioria das sociedades é visto somente como um ponto de entrada e saída, sendo que a mulher não teria o controle sobre seu próprio corpo. Em sua concepção o parto é visto como um "trabalho" onde as mulheres na maioria das vezes não participa de forma desejável.

"É só um piquezinho!"

"na hora de fazer, não gritou!"

A VIOLÊNCIA NO PARTO TEM A VER COM A VIOLAÇÃO DO CORPO E DAS DECISÕES DA GESTANTE.

O PARTO PODE SER O MOMENTO MAIS **SUBLIME** OU O MAIS **HUMILHANTE** DA VIDA DE UMA **MULHER.**

SÃO VIOLÊNCIAS:

- PROFISSIONAL JOGAR O PESO DE SEU CORPO SOBRE A GESTANTE PRESSIONANDO SUA BARRIGA
- TERRORISMO EMOCIONAL ("QUER QUE SEU FILHO MORRA?")
- IMPEDIR A LIVRE ESCOLHA DA POSIÇÃO PARA PARIR
- EXAMES DE TOQUE EXCESSIVOS E DOLOROSOS
- AMARRAR A GESTANTE
- INTERVIR SEM NECESSIDADE (SORINHO?)
- RECUSAR O PLANO DE PARTO
- NEGAR O DIREITO A UM ACOMPANHANTE

2.2 O DIREITO AO PARTO HUMANIZADO

O parto humanizado é uma pratica onde a mulher, o bebê e a família envolvidas no processo de gestação, parto e pós parto são respeitados e levados em consideração, onde a equipe medica se adéqua as necessidades físicas , culturais e emocionais da paciente,para que a lei que garante os direitos da mulher sejam seguidos em virtude da saúde e bem estar de todos os envolvidos.

Segundo um estudo feito pelo governo Brasileiro o parto humanizado é um direito a ser respeitado e garantido, e existe um programa no governo que proporciona um atendimento humanizado para a gestante desde o inicio da sua gravidez até a chegada do bebe.

Um projeto do governo Brasileiro que vem proporcionando um tratamento humano para as mulheres nesse momento que se inicia desde a confirmação da gestação e vai até o puerpério. Segundo as informações que temos no site do governo, em sua pagina inicial sobre a rede cegonha é que :

"Toda mulher tem o direito ao planejamento reprodutivos e atenção humanizada à gravidez ao parto e ao puerpério (pós-parto), bem como as crianças têm o direito ao nascimento seguro e ao crescimento e desenvolvimento saudáveis. Assegurar esses direitos é o objetivo do Ministério da Saúde com o Programa Rede Cegonha. Essa estratégia tem a finalidade de estruturar e organizar a atenção à saúde materno-infantil no País e está sendo implantada, gradativamente, em todo o território nacional." (Site do governo - Rede Cegonha)

As atividades desenvolvidas pela rede cegonha são o pré natal, o parto e o nascimento , puerpério e atenção integral a saúde da criança e sistema logístico (transporte sanitário, etc.), criado em 2011 pelo governo federal brasileiro , a rede cegonha tem como objetivo oferecer assistência e maior qualidade de vida para a gestante e acompanhar o desenvolvimento da criança durante seus primeiros 2 anos de vida ,com intuito de diminuir o numero de mortalidade infantil e materna , garantindo também os direitos relacionados a sexualidade e a reprodução feminina.

Seguindo essa linha de pensamento sobre esse tema a antiga "Casa de Parto da Faculdade de Enfermagem da UFJF" que foi inaugurada em 14 de dezembro de 2001 e que hoje não exerce suas atividades mais, mas que já prestou esse tipo de assistência na hora do parto, realizando durante seu período de funcionamento de 1 ano 178 partos, só nos confirma que o parto é um momento natural do corpo feminino e que deve ocorrer da forma mais natural e sem intervenção se assim for possível.

Segundo estudos realizados, o Brasil sofreu grande influencia do modelo americano de conduzir os partos , levando assim a grande tendência em proceder para partos cesáreos. As casas de partos surgem com intuito de amenizar essa tendência ao parto cesáreo, já que essas casas possuem estruturas suficientes para que o parto normal aconteça sem riscos para mãe e para o bebê , mas se caso aconteça algo fora do esperado eles também teriam como estabilizar a paciente e encaminhá-la para onde possa receber os devidos cuidados. A casa de parto é vista muitas das vezes como uma nova forma de nascer,pois é um local propicio para que a mulher e sua família vivenciem o parto em si.

" A casa de parto é um local adequado para que as mulheres e suas famílias vivenciem o momento do parto em toda sua extensão,distante da hostilidade causadas pelo ambiente hospitalar."(Casa de Parto – Experiências e Violências Orientam um Novo Pensar em Saúde,Juiz de Fora;2006)

De acordo com os termos das portarias MS nº 569/2000 e nº 1067/05 e da Resolução Anvisa RDC nº 36/2008 , toda gestante tem os seguintes direitos: atendimento digno e de qualidade no decorrer da gestação, parto e puerpério; toda mulher grávida e todo recém nascido tem direito a assistência de forma humanizada e segura; toda mulher deve ser chamada pelo nome,ser tratada com respeito e cordialidade; a ter suas duvidas esclarecidas; a compartilhar as decisões sobre as condutas a serem tomadas; a ter liberdade de posição e de movimento durante o trabalho de parto; a métodos farmacológicos ou não para aliviar a dor; a não ser submetida a episiotomia de forma rotineira; a permanecer no mesmo alojamento conjunto com seu bebê desde o nascimento. Existem inúmeras outras coisa que compõe essa listagem de direitos, essas coisas vão alem de uma simples opção da mãe , o parto humanizado é um direito constitucional.

2.3 A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA MEDIANTE AS CLASSES SOCIAIS E RAÇAS E O DISCURSO MÉDICO

No contexto social e racial o numero de relatos de algum tipo de violência , seja no pré natal ou durante o parto e de maior recorrência, mulheres pobres e negras tem como experiência um certo desdém , ao serem atendidas , um preconceito por já terem outros filhos e muitas vezes são recebidas e atendidas com o discurso do medico ou qualquer outro profissional de que " pobre e preto só sabe fazer filho", " num tem televisão em casa não ?", " coitada da pobre criança" , " já vai colocar mais um filho no mundo pra sofrer e passar fome né?".

Podemos observar que na maioria das vezes isso ocorre não só por se tratar da cor ou da classe social em si, mas vem da concepção de gênero para aquele momento onde a violência parte da violência institucional mediante as desigualdades. Com o tempo podemos notar a violência velada e o discurso

poderoso dos médicos e profissionais da área se destoando cada vez mais e que a questão da diferença racial é algo que permanece impregnado em nossa cultura, isso se dá na forma em que os atendimentos as mulheres negras e pobres se dão.

“chamava atenção que grande parte dessas mulheres era assistida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e que em sua maioria eram mulheres negras. Investigações científicas evidenciam uma maior frequência de violências em mulheres negras nas instituições de saúde, como demonstra a Pesquisa Nascer no Brasil, na qual verificou-se que as mulheres negras têm um tratamento diferenciado, que elas recebem uma qualidade diferenciada da atenção...” (Mulheres negras vítimas de violência obstétrica: estudo em um hospital público de Feira de Santana – Bahia. OLIVEIRA EHSO; Rio de Janeiro 2018.)

No texto “ O corpo da mulher negra como carne barata” de Djamila Ribeiro podemos ter uma idéia do que é a mulher não ter direito e voz sobre o seu próprio corpo, isso se deu ao longo da história e faz com que as “marcas” deixadas pela opressão e pelo racismo aconteçam, claro que a mulher branca também sofre com a objetificação de seus corpos, mas a mulher negra, pelo seu histórico sócio cultural é fortemente atingida por isso.

O discurso médico se dá a partir da idéia de que ter um filho de forma cesárea é mais fácil, rápido e prático, para grande maioria dos médicos o parto normal não gera lucro e pode demorar horas e horas, enquanto um parto cesáreo é agendado, reserva-se uma sala cirúrgica e ali é feito todo o procedimento de forma calculada e programada. Muitas vezes, as mães e as famílias por medo e por desconhecerem seus direitos referentes ao parto humanizado e seus benefícios, acabam optando por forte influência médica por fazer esse parto cesáreo, que muitas vezes ocorrem sem o bebê de fato ter amadurecido e sentir-se assim pronto para nascer.

Para os médicos as justificativas são várias, que é “mais seguro”, “o bebê está com o cordão umbilical enrolado no pescoço” (coisa que é muito comum e não interfere para que o parto normal ocorra), “ não tem dilatação”, “ o bebê está engolindo o líquido amniótico”, “ você já tem uma cesárea, é melhor fazer como no primeiro parto”, são inúmeras e mais inusitadas as formas de forçar a mãe a optar pela cesárea, fazendo assim com que o parto que é algo para acontecer da forma mais natural possível se torne um procedimento medicalizado e podendo ao invés de “ajudar”, atrapalhar o processo fisiológico do corpo da mulher gerando vários problemas e complicações, desnecessárias, pois quando que uma mãe, principalmente de primeira viagem vai discordar de um médico, sendo ele visto de uma forma superior a todos os envolvidos naquela situação.

“ a iatrogenese clínica acontece quando os próprios cuidados com a saúde passam a produzir doenças, caso das intervenções cirúrgicas desnecessárias (no caso da assistência obstétrica, por exemplo, as cesarianas desnecessárias e as episiotomias de rotina), dos efeitos indesejados de drogas introduzidas no corpo (como ocitocina sintética e anestésicos), da produção de traumas emocionais (decorrentes, por exemplo, de mau acolhimento por parte da equipe de saúde), entre outros.” (“ameaçada e sem voz, como num campo de concentração.” A medicalização do parto como porta e palco para a violência obstétrica”. SENA ML, Florianópolis; 2016.)

2.4 RELATOS E EXPERIÊNCIAS

A partir de agora vamos observar alguns relatos, através de depoimentos, de mães e de uma profissional da área da saúde, que foram coletados através de uma pesquisa quantitativa que teve como principal objetivo identificar de alguma forma, alguma violação no direito da mulher sobre o seu próprio corpo e termos um olhar sobre a perspectiva do parto humanizado (quando ele ocorreu).

A Violência Obstétrica:

“Meu nome é Laís, eu tenho 26 anos e vou contar para vocês um pouquinho de como foi meu parto.

No dia 22 de maio por volta de meia-noite e meia eu fui para maternidade Therezinha de Jesus para ser examinada porque já estava com muitas dores e muita cólica, e como é a minha primeira

gestação eu não sabia ao certo o que tava acontecendo, fui examinada pela obstetra né, que tava de plantão e logo ela me disse que eu tava com 6 cm de dilatação e que eles iriam me internar ,aí eu voltei lá para recepção, fiquei aguardando o preparo do quarto e logo fui chamada, aí eu fiquei aguardando, toda hora vinha enfermeira ou enfermeiro ou até mesmo a médica para saber como que eu tava, como que eu tava me sentindo, e ela me acalmando a todo momento e pediu para eu me acalmar que ia dar tudo certo.

Quando eu cheguei a 8 cm de dilatação eles me colocaram no soro com ocitocina, que na verdade eu não sei se é pra induzir melhor, se é para aumentar as contrações e a partir daí foi bem rápido que logo as contrações aumentaram, começaram a vim de dois em dois minutos, e logo eu já tava pronta já né para minha filha nascer, aí a pessoa que estava comigo de acompanhante viu que parecia que o cabelo da minha menina já tava aparecendo, aí foi chamou a médica , aí a gente foi para o centro cirúrgico, para sala de parto (perdão), da sala de parto aí chegando lá logo a minha filha nasceu.

As contrações realmente são as dores inexplicáveis porque é muito doloroso mesmo, mas na hora dela sair foi tranquilo e assim a equipe muito boa, o pessoal me tranqüilizou de uma maneira que nossa, eu fiquei super à vontade, fui muito bem atendida pela equipe de plantão naquela madrugada, e isso aconteceu era 3:37 horas da manhã o horário exato que a minha filha veio né, e logo em seguida veio uma outra médica para poder me dar anestesia para fazer, para me dar os pontos, embora não tenha levado aquele corte, eles avaliaram e acharam melhor eu levar alguns pontos né,aí ela foi me aplicou anestesia ,mas eu acredito que anestesia não tenha pegado porque eu sentia dor ,na hora que ela tava passando os pontos, e ela ainda perguntou se eu tava sentindo alguma coisa mas eu estava tão agoniada para acabar logo ,que eu tava cansada na verdade exausta, e eu queria acabar logo e eu acabei dizendo para ela que eu não tava sentindo eu tava sentindo apenas o tato mas na verdade eu tava sentindo dor mesmo, porque embora ela tenha aplicado a anestesia em três lugares a anestesia não pegou, eu não sei se não deu tempo do remédio, da anestesia reagir alguma coisa assim, ou o que que aconteceu , mas a anestesia não pegou e eu levei os pontos sentindo mesmo, além do Tato a dor da suturação, sutura né não sei como é que eles falam lá, mas no mais foi muito tranquilo, depois a gente passou, depois de nascimento dela a gente ficou 48 horas em observação até a gente ter o horário da alta mas foi todo muito tranquilo, a equipe como já mencionei foi muito legal e super atencioso, e eu tava com muito medo e isso me tranqüilizou bastante, e é isso então aqui um pouquinho de Como que foi o meu parto e espero ter ajudado...”

O Parto Humanizado:

“Meu nome é Noemi,eu Sou professora Universitária,tenho 38 anos,vou relatar um pouco então sobre a escolha pelo parto domiciliar, como foi o meu parto e quais foram os benefícios NE,eu engravidei em 2014 na metade do ano, e em 2013 eu vi o documentário o renascimento do parto,' isso me chocou muitíssimo eu não fazia idéia de como aconteciam os partos no Brasil, sobre a violência obstétrica, eu fiquei muito chocada mesmo e quando eu engravidei no ano seguinte, eu, isso Me tocou muito eu fiquei pensando muito em como seria então a minha história NE, nesse momento conversei com várias mulheres da minha família, então eu percebi todas elas sofreram violência obstétrica, todas, as minhas tias, a minha mãe, e eu pensei isso não pode ser normal, isso não pode acontecer ,e então como é que buscar muita informação a respeito de parto , de violência obstétrica ,me chegaram então outras opções né eu pensei não eu quero parir, de forma digna e respeitosa, e eu não imaginava que eu precisaria lutar contra todo sistema cesarista,cheio de intervenções desnecessárias no parto que poderia ser normal NE, entre aspas na verdade não acaba não tendo nada de normal portanto as intervenções, enfim, então eu fui estudar um pouco sobre isso vi os documentários, busquei muitos relatos de mulheres que sofreram violência obstétrica e comecei então a pensar em como a minha história poderia ser diferente,nessa época eu morava em Florianópolis tem um avanço muito grande assim nessa questão do parto humanizado NE, se fala muito sobre isso tem equipes de enfermeiras obstetras que atendem a domicilio, e foi então que eu marquei um encontro presencial como a equipe de enfermeiras obstetras, que já atendem a mais de 16 anos em Florianópolis,é uma equipe muito experiente , inclusive várias delas trabalham em maternidades,tivemos esse primeiro encontro, na época meu companheiro ficou meio receoso, com medo da idéia do parto domiciliar, então a gente foi se aproximando cada vez mais cada ,cada vez mais eu tenho mais certeza da minha escolha NE,inclusive a gente chegou a fazer um curso de

casal grávidos né, meu companheiro na época também fez, e a gente foi se aprofundando cada vez mais, cada vez mais eu tinha mais certeza da minha escolha, eu queria ser protagonista da minha história, eu queria saber o que ia acontecer comigo durante o trabalho de parto, enfim pós parto, então foi uma escolha muito consciente. Então eu fiz o acompanhamento pré-natal como qualquer outra gestante faz, eu fiz com médico de família, num posto de saúde no SUS, fui muito bem atendida, foi um atendimento muito bom, e eu relatei para médica então da minha opção pelo parto domiciliar, houve respeito da parte dela NE, eu já li muitos médicos começam a amedrontar NE, enfim Isso é perigoso, pode ser que você tenha que ir pro hospital, mas enfim, a médica me respeitou e seguimos assim, então a partir da trigésima semana eu comecei com as consultas domiciliares, então essa equipe ia na minha casa e as conversas e as consultas duravam, não duravam menos de 2 horas, então passei por um processo de gestação muito intenso, de forma muito abrangente NE, não simplesmente ela me visitar, para consulta, para ver como é que eu estava fisicamente, enfim como é que eu estava, na verdade é muito mais do que isso, não é todo o processo que envolve a família NE, e o que envolve essa questão do parto, é um atendimento muito completo, eu falava dos meus medos NE, eu tinha muito medo de hospital, de ter que passar por situações em que as mulheres da minha família, e todos os outros relatos que eu tinha que eu tinha lido, então a gente conversar muito sobre essa questão do medo também NE, enfim foi um atendimento assim excelente NE, tive uma gestação muito saudável então tudo estava preparado para que aconteceu aqui em casa, essa equipe trabalhava então da seguinte forma, a família, a gestante optava pelo parto domiciliar, mas tem um plano B, que é se houver necessidade de ir para o hospital ou maternidade, esse plano B tem que existir, eu morava muito próxima do Hospital universitário, a 5 minutos e o meu plano B era La, eu também fiz o curso gestante lá, conheci todo o espaço, tinha ouvido bons relatos, daquele Hospital e dos médicos que lá trabalhavam, enfim se caso não conseguisse parir em casa, seria então no Hospital Universitário.

Enfim tudo ocorreu tranquilamente, minha filha nasceu no dia 17 de maio de 2015 um trabalho de parto foi muito rápido, é minha primeira filha eu sempre imaginava que ia demorar muitas horas, durante o trabalho de parto a equipe me deixava muito à vontade, eu me lembro assim de olhares entre elas, eram três, me lembro muito bem assim, ela apenas se comunicarem com os olhares, eu estava no meu quarto com uma luz bem embaixo assim, eu estava muito vontade, eu estava nua, porque estava na minha casa, estava o meu companheiro e as três parteiras, então foi um momento muito acolhedor, e eu me senti completamente à vontade, todo o ambiente em que em que elas prepararam e deixam a gestante agir conforme seus extintos, então assim, hora eu queria ficar no quarto, na cama, hora eu queria ficar sentada, enfim tudo isso foi respeitado NE, meu trabalho de parto durou, eu comecei a sentir as primeiras contrações as 8 horas da manhã e a minha filha nasceu as 11 horas, a primeira parteira chegou por volta de 9:30, 10 horas e só deu tempo das outras duas parteiras chegarem e minha filha nasceu de cócoras, eu agachada, segurada pelo meu companheiro, e a minha filha nasceu de forma muito saudável, imediatamente a parteira a colocou nos meus braços, após o nascimento, e a gente já foi para cama ela já mamou, e foi assim, incrível, e, eu pensei que eu sou uma mulher muito privilegiada por ter tido acesso a esse parto digno e respeitoso, mulher branca com formação Universitária, né, nesse país tão desigual, eu com acesso à informação, e com companheiro com formação igualmente a minha também, então nós dois fomos atrás de um parto digno e respeitoso, e ao mesmo tempo fiquei muito triste assim depois em pensar que não serão todas as mulheres que terão esse momento respeitado NE, e enfim, então minha filha nasceu, imediatamente a placenta também é nasceu, então foi um processo de super tranquilo, não precisei tomar anestesia, não houve necessidade, nunca fomos no hospital também porque não houve necessidade, eu tive uma laceração, eu precisei apenas de apenas um ponto, a minha filha nasceu com a mãozinha assim junto, quando ela saiu a cabeça tava com as mãozinhas é próxima NE, então uma pequena laceração, e assim uma experiência incrível, de respeito né, enfim assim, o que é o que eu posso dizer da minha experiência, nesse parto domiciliar foi transformador na minha vida, eu entendi todo o processo de gestação, eu entendi que eu fazia parte, que eu podia parir, com essa idéia NE, que nos tentam colocar de que nós não somos capazes, que nós precisamos de intervenções muitas vezes é desnecessário, isso faz com que as mulheres passem a escolher a cesárea elas acham que vai ser mais, mais ou menos doloroso e vai ser melhor do que o parto normal justamente por não deixarem a gente parir em paz, então isso foi muito transformador para mim de verdade, foi um grande Portal que abriu e realmente o Renascimento de uma outra mulher por ter vivenciado toda essa experiência, foi tudo muito positivo, eu agradeço a vida e ao universo por ter me proporcionado tudo isso NE. E isso também, assim

,no pós parto né teve uma repercussão assim muito boa, porque após o nascimento as enfermeiras, ate o décimo dia elas visitam né ,elas foram na minha casa, para ver como é que tava o bebê , a amamentação, todos os momentos inclusive passados 10 dias, eu tive um momento em que o leite acabou empedrando e eu liguei para uma delas, elas foram lá na minha casa e me ajudaram, a minha filha mamou até os dois anos e sete meses, a minha filha hoje tem 4 anos, é uma criança super saudável, praticamente não fica doente ,em tudo isso assim todo esse processo certamente, assim aconteceu da forma que aconteceu porque eu tive acesso à informação e porque eu queria me proteger então dessa violência obstétrica em que eu fiquei tão apavorada quando eu vi o documentário, e então acho que é isso eu acho que a busca né por um parto digno e respeitoso, não deveria ser um direito né de todas as mulheres então eu acho até meio contraditório, quando eu escutei a primeira vez o termo parto humanizado, pensei em como é que é, porque humanizado? Então o que seria não humanizados isso é possível? isso na minha cabeça isso não fazia muito sentido NE, mas é isso né nesse país as mulheres têm que lutar então para ter um parto Digno e respeitoso, então essa é a minha história!...”

A Perspectiva do Profissional da Área :

“Sou graduada em enfermagem, durante minha trajetória acadêmica participei de eventos, projetos de extensão, monitoria relacionada a saúde da mulher né, que foi o meu foco durante a trajetória acadêmica, o trabalho de conclusão de curso foi referente ao parto humanizado, durante a minha trajetória acadêmica né, eu aprendi varias coisas relacionadas a saúde da mulher e sou defensora de uma delas que é o parto humanizado ,pois antigamente no Brasil o parto normal acontecia no modelo hospitalar NE, onde a mulher era imobilizada , obrigada a ficar na posição litotômica,NE , a posição onde ela paria seu filho, que é a posição onde ela fica deitada de barriga pra cima, com as pernas levantadas e abertas, ela era privada de ficar perto dos familiares ou gônjuges,ela era privada de alimentos e bebidas por via oral, ela era submetida a vários medicamentos para induzir o parto e também ela era submetida a episiotomia , que é o corte no períneo, e o parto humanizado ele tem o objetivo de desmedicalizar e desospitalar a gestante, porque a gestante, a gravidez não é uma doença pra gestante ficar no ambiente hospitalar e privada de ficar perto de seus familiares , privada de alimentos ou líquido por via oral.

O parto humanizado, a expressão humanizar, ela significa respeitar as decisões e os direitos da mulher, incluir o pai,os familiares durante o parto, ter uma comunicação com a gestante, porque a comunicação é muito importante, porque durante a conversa vamos poder identificar o que deixa a mulher insegura,o que traz medo , o que traz ansiedade pra mulher,pra que a gente consiga reduzir tudo aquilo que ela tem medo , pra ela não ter um parto traumático,então a gente tendo essa comunicação vamos poder identificar o que faz ela ficar com o comportamento mais temperamental,com isso também ajudar NE ela a ser menos ansiosa e ter uma menor insegurança durante o parto, o objetivo disso tudo é fazer com que ela tenha um parto menos traumático,e que o parto seja bom não só para gestante mas também NE pro recém nascido, pro feto,e também devemos conversar com a família pra eles não passar uma certa insegurança ou medo pra gestante, o parto humanizado tem objetivo de fazer tudo ao contrario do que era o parto anteriormente, então devemos respeitar a posição que a mulher deseja parir, não obrigar ela a ficar numa única só posição, devemos utilizar alguns métodos né, com que a mulher se sinta mais confortável, um dos métodos que a gente pode citar ai durante o parto é o uso da bola suíça ou bola obstétrica , o uso dessa bola permite que a mulher fique numa posição, assim a mulher pode tomar varias posições durante o uso da bola, ela pode fazer movimentos de traz pra frente, e também o uso dessa bola em alguns estudos já fala que a mulher já não tem trauma perineal , que no caso não se utiliza a episiotomia, que também no caso é uma violência né feita nos partos anteriormente no Brasil. O uso da bola ajuda muito quanto a isso , desmedicalizar , não devemos submeter a mulher a vários medicamentos para induzir o parto, o parto deve acontecer de forma natural, o feto tem que descer na hora que for acontecer a dilatação,é tudo isso.Então o parto humanizado significa respeitar o tempo e as decisões da mulher.

Um profissional também muito importante durante o parto humanizado é a doula , porque a doula acolhe e auxilia a mulher durante ai o evento né, que é o parto humanizado, não só como a mãe como eu tinha falado anteriormente , o recém nascido também tem que ter uma assistência humanizada pra que não venha sofrer nenhuma intervenção desnecessária, como colírio nos olhos da criança, aspiração,

esfregação e o banho precoce. A mulher NE ela tem que ser protagonista do parto, então o nosso objetivo é incentivar a mulher pra que ela tenha autonomia e pra que ela seja protagonista do próprio parto.

Devemos também preparar o ambiente pra que ele seja acolhedor né, também o parto, ele tem menor risco de contrair doenças ou qualquer tipo de infecção, o parto normal, porque não vai haver nenhuma intervenção cirúrgica né, intervenção cirúrgica acontece só quando é necessário, a cesárea por exemplo ela só ocorre quando é necessário, assim que a mulher venha a fazer uma cesárea.

Também a mãe e o bebe eles tem maior vinculo né, quando o bebe nasce ele já tem o contato com a mãe pele a pele que é uma coisa boa, porque a mulher vai passando pra criança os anticorpos né do corpo dela, é importante também a primeira mamada que a criança vai ter, então o parto humanizado é muito benéfico, não só pra gestante, não só pra criança, quanto também pra família que participa de um momento único e especial NE que é a recebida de uma criança...”²

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar como a violência obstétrica é algo recorrente e rotineiro na vida de muitas mulheres, esses relatos são apenas alguns que foram coletados, mas no decorrer de nossas vidas são fortes e presente os relatos e experiências ruins vividas por nossas mães, avós, parentes próximas e amigas. Os números são altos perante as regras e leis que devem ser seguidas e não são, acarretando problemas posteriores na saúde da mãe e o do bebe que é “forçado” a sair e pode desenvolver graves problemas.

Como dito no início, o intuito do trabalho é alertar as pessoas que de alguma forma esteja envolvida no processo de gestação, parto e pós parto, para que esse tipo de violação familiar não ocorra e que os direitos e as tomadas de decisões sejam respeitados, que os profissionais tenham consciência do limite de até onde os procedimentos adotados serão maléficos naquela determinada situação.

Mesmo com todas as coisas ditas acima e em todo o trabalho com intuito de reforçar a idéia do parto humanizado, do direito da mulher sobre o seu próprio corpo, o governo decidiu retirar o termo “violência obstétrica” de uso pois fere a moral dos profissionais da saúde, é claro que para toda historia existe dois lados a serem observados e com toda certeza não são todos os médicos, enfermeiro e profissionais da área que praticam esse tipo de agressão, até porque são muitos engajados nesse tema e que procuram de alguma forma defender os direitos dos envolvidos, mas tudo isso nos mostra o quanto é forte a palavra e o discurso de um medico, o comercio que existe envolvido na venda da cesárea como algo, simples, fácil e “mais seguro” e o quanto vale a palavra da mulher e sua tomada de decisão, que na maioria dos casos não valem de nada mediante a situação em que ela deveria ter a voz e a tomada de decisão.

Então fica o questionamento sobre tudo isso que foi debatido até aqui, pois de nada adianta todo esse envolvimento de varias pessoas engajadas na causa e defendendo o direito das mulheres, do parto natural e humanizado se o discurso e o comércio do parto cesáreo falar mais alto.

² Todos os relatos foram colhidos através de depoimentos, sem qualquer modificação e sem retirada de vícios de linguagem, sendo utilizado o termo de consentimento TCLE que segue em anexo.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **“Violência obstétrica: a violência no parto mediante as raças e classes sociais e o direito ao parto humanizado”**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é **“reforçar a idéia do direito da mulher ao parto humanizado e mostrar alguns casos de violência obstétrica”**. Nesta pesquisa pretendemos **“trazer um olhar humanizado sobre o parto e refletir sobre como existem casos graves de violência obstétrica”**.

Caso você concorde em participar, vamos fazer as seguintes atividades com você **“uma entrevista informal”**. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: **“exposição de seu nome e imagem”**. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, **“você pode não se identificar”**. A pesquisa pode ajudar **“a conscientizar e trazer um novo pensamento sobre o parto humanizado”**.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de fora, _____ de _____ de 20

Assinatura do Participante

Assinatura do (a) Pesquisador(a)

Nome do Pesquisador Responsável: Lívia Barbosa Pires
Campus Universitário da UFJF
Faculdade/Departamento/Instituto: Universidade Federal de Juiz de Fora Instituto de Ciências Humanas
CEP: 36036-900
Fone: 32 988942643
E-mail: liviapires45@gmail.com

REFERÊNCIAS

Link para OMS, disponível em:

https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/134588/WHO_RHR_14.23_por.pdf;jsessionid=4291ABC3E44068C606E40DAC3881968A?sequence=3.

MATEI EM, Carvalho GM, Silva MBH, MERIGBI MAB. **Parto Humanizado : Um direito a ser respeitado**. São Paulo ;2003. Disponível em [http://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis_digital/is_0403/pdf/IS23\(4\)104.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis_digital/is_0403/pdf/IS23(4)104.pdf).

MARTIN E. **A Mulher no Corpo – uma análise cultural da reprodução**. Brasil;2006.

Rede cegonha (site do governo) disponível em: <http://portalmis.saude.gov.br/acoes-e-programas/rede-cegonha/sobre-o-programa>.

FERNANDES BM. **Casa de Parto – Experiência e Vivências Orientam um Novo Pensar em Saúde**. Universidade Federal de Juiz Fora;2006.

O Renascimento do Parto 1 . **GÊNEROS: Filmes brasileiros ,documentários brasileiros,documentários;2013** .Disponível em: Netflix

SENA LM. **Ameaçada e sem voz, como num campo de concentração.”A medicalização do parto como porta e palco para a violência obstétrica”**. Florianópolis;2016.

OLIVEIRA EHSO. **Mulheres Negras Vítimas de Violência Obstétrica: estudo em um hospital público de Feira de Santana - Bahia**. Rio de Janeiro; Fevereiro de 2018. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/30942/2/ellen_oliveira_iff_mest_2018.pdf.

O Renascimento do Parto 2. **GÊNEROS: Filmes brasileiros ,documentários brasileiros,documentários;2018** .Disponível em: Netflix

O Renascimento do Parto 3 . **GÊNEROS: Filmes brasileiros ,documentários brasileiros,documentários;2018** .Disponível em: Netflix